



Relatos de Experiência: Eixo 10 – Formação de Professores

CURRÍCULO CULTURAL: A POSSIBILIDADE DE UMA PROPOSTA DIDÁTICO-METODOLÓGICA NA FORMAÇÃO INICIAL

Daiana Machado – UNIOESTE/PR - Cascavel/Paraná *

Patricia Argenton – SEE- PR – Curitiba/Paraná **

Resumo: Este relato de experiência emerge do encontro de docentes, a partir de uma disciplina de pós-graduação. O objeto foi descrever uma possibilidade coletiva, distante temporal e espacialmente, para caminhos didáticos-metodológicos, a partir dos estudos do currículo cultural na Educação Física. Foi organizado uma proposta didático-metodológica para diálogo e problematização a partir de saberes do pós-estruturalismo, pós-colonialismo, pós-modernismo, estudos culturais, teoria queer e multiculturalismo crítico, a fim de fomentar uma “pedagogia singular”. A metodologia utilizada se desenvolveu por meio de referenciais teóricos pós-críticos. Como caminhos preliminares, identificamos que não é tarefa fácil trabalhar o currículo cultural nas aulas de educação física, especialmente na formação inicial. Entretanto, os princípios éticos e políticos presentes no currículo cultural favorecem a enunciação dos saberes discentes. Esses princípios deixam de ser um elemento estruturante e tornam-se elementos indutores da prática pedagógica do professor e da professora.

Palavras-chave: Formação de Professores. Currículo Cultural. Proposta Didático-metodológica

Introdução

A disciplina “Currículo cultural da Educação Física: perspectivas política, epistemológica e pedagógica” ministrada pelos professores Marcos Garcia Neira (USP), Mário Nunes (Unicamp) e Wilson Alviano (UFJF) durante o segundo semestre de 2022, como parte integrante do curso de pós-graduação nos ajudou a compreender o Currículo Cultural na nossa atuação pedagógica. O relato que segue trata de apresentar as propostas didáticas metodológicas de duas docentes em busca, não só de compreender o Currículo Cultural, sua base teórica (filosófica e epistemológica) como também atuar de maneira culturalmente orientada em nossas disciplinas de graduação e supervisão de estágio e PIBID¹, assim como possibilitar aos nossos acadêmicos compreensão e atuação efetiva.

* Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Professora de Educação Física pela mesma instituição.

** Professora da Secretaria Estadual de Educação do Paraná.

¹ Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).



Justificativa

Por que escrever esse relato juntas? Nós nos conhecemos através de um curso que ministramos no Estado do Paraná chamado Formadores em Ação. Patrícia e eu éramos formadoras e tínhamos momentos de formação juntas. Depois, ao procurar por práticas pedagógicas com o currículo cultural na educação infantil e anos iniciais, encontrei uma tematização sobre lutas da Patrícia, fruto de um curso de extensão ministrado no mesmo formato dessa disciplina. De lá pra cá vem nossa parceria e diálogos na compreensão da educação física como uma área de conhecimento que apresenta como especificidade a cultura corporal e que deve ser coesa e coerente em sua prática pedagógica, a fim de promover intervenções para uma sociedade mais humana e justa.

Iniciamos aqui situando nossas atuações. Eu (Daiana) atuando como docente do curso de Educação Física (Licenciatura) em uma universidade pública na cidade de Marechal Cândido Rondon, oeste do Paraná, ministrando a disciplina de Didática para a Educação Física (2º ano) e Prática de Ensino para os Anos Iniciais e Fundamental I (3º ano) e Ensino Fundamental II e Ensino Médio (4º ano). Ambas com carga teórica e prática, assim como possibilidade de atuação em ambiente escolar.

Construções didático-metodológicas

Existe uma pré-disposição para que disciplinas como essas sejam mais instrumentais, propondo momentos de troca de experiências, estudos de caso, ou até mesmo construção de planos de aula “cartesianos”, “engessados”. Entretanto, propõe-se que os alunos tivessem condição de tomar contato com a teoria de Paulo Freire, a Pedagogia Histórico Crítica de Dermeval Saviani e a teoria do Currículo Cultural.

Essa proposta foi antecedida por discussões sobre o papel e interferência das teorias curriculares, a formação de sujeitos e por consequência de um tipo de sociedade. Para isso dialogamos sobre as teorias não críticas, críticas (reprodutivistas) e pós-críticas. Aqui vamos nos ocupar de apresentar as propostas da Teoria Pós-Crítica e do Currículo Cultural, o que não exclui possíveis relações, comparações e indagações. Vale dizer que os acadêmicos geralmente aproveitam esses momentos de aula para trocar ideias de planos de aula, atividades e propostas de projetos para apresentarem na escola durante suas regências. Tentar mudar essa compreensão e construir uma nova, não é tarefa fácil, pois as propostas curriculares circulantes apresentam conhecimentos resultados de relações de poder, os quais determinam alguns saberes como verdade e outros não (BONETTO, VIEIRA, BORGES, 2022).



A co-autora Patrícia é professora da rede pública de Curitiba há 16 anos e está atuando há 2 meses como supervisora do PIBID. Diferente da professora Daiana que já atua na educação superior, é docente na Educação Básica e recebe os acadêmicos para o acompanhamento da sua prática. Existe uma preocupação em apresentar o funcionamento da escola e as práticas pedagógicas nas aulas de educação física, porém anterior a essas questões existem as concepções individuais que cada um apresenta sobre escola, educação física e currículo. Transcender a visão de teorias tradicionais curriculares, arraigadas nas experiências escolares docentes e discentes é um verdadeiro desafio, porém, de acordo com Silva (2004), as teorias críticas e pós-críticas trazem um novo olhar ao currículo, para além dos conceitos técnicos, das categorias psicológicas e das grades curriculares e lista de conteúdo.

Ambas, apesar de espacialmente longe (uma na capital e outra no interior do Paraná) estamos em constante diálogo, realizamos a disciplina juntas e temos inquietações e propostas muito parecidas com relação à situação que vivemos atualmente na escola e na universidade. Vamos relatar partes da nossa experiência e da nossa proposta de trabalho didático metodológico (considerando que nosso calendário acadêmico está atrasado devido ao período pandêmico) sobre o Currículo Cultural.

A primeira parte do nosso trabalho já foi realizada e por meio de diálogo ficamos surpresas com a similaridade de nossos encaminhamentos. A conversa rendeu inúmeras ideias e ajustes na rota que desejamos traçar com nossos acadêmicos.

Para o desenvolvimento da proposta pedagógica consideramos a importância de conversar com os futuros docentes sobre as teorias pós-críticas e o papel do currículo cultural dentro da escola. A partir do que tratamos durante as aulas remotas e com o apoio do material disponibilizado no site do GPEF², traçamos alguns pontos importantes para o objetivo.

Patrícia tratou com os alunos algumas perguntas sobre as concepções de escola e educação física para reflexão conjunta e eu apresentei aos estudantes as características mais evidentes na teoria curricular não crítica, crítica e pós-crítica (vale ressaltar a importância da última aula ministrada pelo professor Mário Nunes, na disciplina da pós-graduação, o qual ocupou-se de fazer um panorama justamente dessas questões, pois elas causam dúvidas e questionamentos). Os estudantes já haviam dialogado sobre em outros momentos, então foi uma retomada dessas diferenças. Para esse debate o livro “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo” de Tomaz Tadeu da Silva (SILVA, 2004) foi muito importante, pois o mesmo apresenta uma síntese das teorias. Essa aula foi significativa para resgatarmos o que cada momento e cada teoria tem como objetivo. Os acadêmicos

² Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar - <https://www.qpef.fe.usp.br>



apresentaram seminários com os temas do livro e foram convidados a realizar anotações em um "diário de bordo" para resgatar posteriormente. Essa estratégia foi muito interessante, pois os alunos/as foram compreendendo as sutilezas que estão entre o currículo cultural e os currículos críticos.

A presença da diferença força-o a não abandonar termos caros à pedagogia moderna como planejamento, método, avaliação, registro, aprendizagem estratégias de ensino, disciplina, participação, problematização, cidadania, liberdade, emancipação, mas não os aceitam sem desconfiança, reterritorializando-os. É a diferença que incita o currículo cultural a usar com reserva algumas contribuições das pedagogias críticas. É ela também que o empurra com força para as pedagogias pós-críticas. A diferença o autoriza a se apropriar de termos como ancoragem social de conteúdos, daltonismo cultural, justiça curricular, descolonização do currículo, etnografia, mapeamento, ressignificação, ampliação e aprofundamento sem, no entanto, fechá-los em uma identidade unívoca. Ela lhe permite a crítica a outros currículos por meio da criação de noções conceituais tais como pedagogia açucarada, pedagogia do faz-de-conta, multiculturalismo inócuo, currículo "Frankenstein", "professor Ben 10". É a potência da diferença que questiona permanentemente o currículo cultural e o instiga a abrir-se para novas pesquisas e significações (NUNES, 2016, p. 62-63).

Durante as apresentações as "incomodações" e "desconfortos" foram ficando cada vez mais evidentes, até chegarmos na pergunta: "professora, mas isso não é educação física, né?" ou perguntas como "pra que misturar essas coisas no esporte?" Essas perguntas foram registradas no diário. Como ainda não finalizamos a segunda parte da disciplina, é claro que os incômodos vão continuar.

Nós entendemos que é primordial a compreensão de conceitos como identidade e diferença. Tão importante que para nós esses conceitos se tornam uma base sólida para dialogar dentro dos conceitos do currículo cultural. Então trabalhamos com os estudantes o texto de Stuart Hall "A identidade em questão" (HALL, 2005) e "Afinal, o que queremos dizer com a expressão "diferença"?" (NUNES, 2016). Para essa discussão pretendemos apresentar o curta "Carne" de Camila Kater (2021). Muitas sugestões aqui elencadas foram tomadas do site do GPEF.

Diante do caráter aberto da significação, o currículo cultural afirma a diferença e com isso potencializa o envolvimento de todos seus sujeitos nas lutas políticas da escolarização e da sociedade mais ampla. Se a identidade incita a nomear, classificar, selecionar para amarrar os sujeitos em histórias preconcebidas, a diferença ensina a nomear de maneiras temporárias e inéditas, a não classificar, não selecionar, não hierarquizar para levar o sujeito a viagens inesperadas (NUNES, 2016, p. 62).

Como uma pedagogia cultural e com força da diferença, o currículo cultural busca inspiração para as suas práticas pedagógicas no cinema, nas artes, na literatura, no jogo, na capoeira, no rap, na cultura popular, em outros saberes não disciplinares, nas lutas dos grupos marginais, nas fronteiras da verdade. A diferença é o que lhe permite ver seus sujeitos sempre em trânsito: sujeitos nômades, híbridos, que incitam ao pastiche e à artistagem da sua prática. A diferença é o que faz o currículo cultural escapar dos controles da escola moderna. No currículo cultural, a diferença é o que o potencializa a sua produção, é a condição de sua existência (NUNES, 2016, p. 63).

Para os encaminhamentos didáticos metodológicos ficamos com uma segunda parte: para os estudantes do PIBID será proposto a leitura, observação e acompanhamento da prática da professora. A observação das aulas dentro da escola será um grande ponto de apoio para a compreensão do currículo cultural pois “parte do princípio de que se a escola for concebida como ambiente adequado para discussão, vivência, ressignificação e ampliação da cultura corporal, será possível almejar a formação de cidadãos que identifiquem e questionem as relações de poder que historicamente impediram a afirmação das diferenças” (NEIRA, 2016, p. 71). Para os estudantes da disciplina de Prática de Ensino, serão propostos seminários onde os alunos/as vão apresentar e analisar relatos. Ambos serão a partir do livro “Epistemologia e didática do currículo cultural da Educação Física” (NEIRA; NUNES, 2022). Além disso, solicitamos que os alunos/as busquem no site e no canal do *Youtube* do GPEF experiências pedagógicas culturalmente orientadas para exemplificar e ampliar a observação. Os relatos de experiência estão presentes nos livros “Escrevivências da Educação Física cultural” (NEIRA, 2020; 2021). Esse exercício será o mais interessante para dialogar, pois ele leva os acadêmicos a saírem da ideia de uma educação física centrada na sua prática docente historicamente construída e coloca/reposiciona sua formação em prol do debate de temática e problematizações amplas, contemporâneas e necessárias.

Organizamos os temas em: Tematização, problematização, mapeamento, vivência e experiência, ampliação e aprofundamento e registro e avaliação. Sabemos que o currículo cultural não se resume a uma estrutura de passo a passo, mas também é preciso compreender algumas questões preliminares.

Entendemos que no currículo cultural ou nas práticas culturalmente orientadas não existe uma estrutura cartesiana e estrutural. Mas para esse exercício aqui, selecionamos que os temas sejam apresentados na ordem de uma possível estrutura, porém reiterando sempre que não tem estrutura fixa, ou hierarquizada.



Outro ponto muito importante são os conceitos de conhecimento, conteúdo, escola e educação, assim como princípios éticos e políticos que agenciam os(as) docentes. Os acadêmicos já foram convidados a pensarem sobre suas experiências na educação física escolar e sobre a função da escola e da educação física escolar. Após, entendemos que escrever no diário de bordo as primeiras reflexões, sempre buscando relações com textos e discussões já realizadas, estabelecerá pontos de convergência. Em Bonetto, Vieira e Borges (2022) a escola caracteriza-se como um espaço de luta e validação de significados culturais entre a cultura escolar e a popular, o erudito e o senso comum, o verdadeiro e o falso. Esse exercício nos conduzirá à possibilidade de problematização dos significados e verdades que estão circulando neste grupo social.

Considerações

Por que é necessário que nos ocupemos, como professoras no ensino superior, com a apresentação, estudo e discussão do currículo cultural em nossos encontros? Primeiro, como docentes do Ensino Superior, é fundamental que ajudemos o(a)s futuro(a)s professore(a)s a perceberem que uma outra educação e, portanto, Educação Física, são necessárias se o que nos move é a construção de uma sociedade menos desigual. Acontece que é necessário ensinar o “como” fazer. Segundo, é pela educação, especificamente na educação física e aqui, por meio do currículo cultural, que buscamos condições para promover aos estudantes um processo de “reengendramento” de toda e qualquer ideologia dominante. O currículo cultural constrói um olhar estético, o qual possibilita uma lente para olhar a realidade. Por meio da experiência estética, a qual é sensível, sensitiva, sensorial, mas também concreta das pessoas que sofrem as mazelas advindas dos processos de globalização e das políticas neoliberais. Para o currículo cultural a experiência estética deve ser o ponto de partida, diferente de um olhar epistemológico, que sugere uma abstração da estética, um olhar que não comporta o mundo vivido. De acordo com Neira (2020), a perspectiva culturalmente orientada visa à formação de um sujeito solidário, que compreende que todo indivíduo é importante na sociedade, independentemente de sua raça, religião, gênero, classe, a favor das diferenças.

Além disso, autores como Vladimir Safatle (2019), Milton Santos (2011), Pierre Dardot e Christian Laval (2016) enfatizam uma política violenta contra as possibilidades de existência por meio da perpetuação de condições perversas e desiguais. Uma política de Estado que aprisiona, mata, tortura, pois estamos em territórios que se constituem sob a perspectiva da exploração, da exclusão, da repressão, da negação dos processos de criação e de reconhecimento da própria autoria assim como da negação da percepção do valor da própria criação cultural.



O currículo cultural parte da ocorrência social da prática corporal, busca nos seus processos, a vivência, a leitura, a resignificação das práticas corporais (NEIRA, 2020). Como o estudante, o qual é sujeito de sua realidade pode ser ativo e não passivo na sua possibilidade de existência? (Para responder essa pergunta é necessário que o professor também reflita sobre o papel da escola, da educação, dos conteúdos, dos currículos, da educação física.) Por meio de um currículo que o leve, ou melhor, que o considere a partir do território que esse sujeito ocupa. Para isso, o currículo precisa possibilitar um reconhecimento da realidade³, saber contra quem estamos lutando, e contrapor as diferentes estruturas de poder.

Por fim, os princípios éticos e políticos presentes no currículo cultural (SANTOS JÚNIOR, 2020), que não só reafirmam a articulação com o Projeto Político Pedagógico da instituição, o reconhecimento da cultura corporal da comunidade, a justiça curricular, o daltonismo cultural, descolonização curricular e ancoragem social dos conteúdos, mas também favorecem a enunciação dos saberes discentes. Esses princípios deixam de ser um elemento estruturante e tornam-se elementos indutores da prática pedagógica do professor e da professora.

Referências

- BONETTO, P.X.R.; VIEIRA, R. A. G.; BORGES, C. C. O. *Educação Física e as Filosofias da diferença: encontros com Foucault, Deleuze e Derrida*. Rev. Bras. de Educ. Física Escolar - Ano VII Vol. III, p. 76-92, março 2022.
- DARDOT, P.; LAVAL, C. *O esgotamento da democracia liberal*. In: A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 377-402.
- HALL, S. *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução: DP & A. Editora, 2005.
- KATER, C. *Assiste Brasil*. Carne. Times Vídeos, 12 de jan. 2021. Disponível em: <https://www.assistebrasil.com.br/expresso/carne-de-camila-kater-e-qualificado-para-o-oscar-2021-e-disponibilizado-online/>. Acesso em: 23 jan. 2023.
- NEIRA, M. G. (org.) *Escrevivências da Educação Física cultural*. São Paulo: FEUSP, 2021.
- NEIRA, M. G. (org.) *Escrevivências da Educação Física cultural*. São Paulo: FEUSP, 2020.
- NEIRA, M. G. *Currículo Cultural da Educação Física: por uma pedagogia da(s) diferença(s)*. In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.) *Educação Física cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)*. Curitiba: CRV, 2016.
- NEIRA, M. G. Os conteúdos no currículo cultural da Educação Física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 18, n.2, abr./jun. 2020, p. 827-846.

³ No pós-estruturalismo, a "realidade" é uma produção discursiva.



NUNES, M. L. F. *Afinal, o que queremos dizer com a expressão “diferença”?* In: NEIRA, M. G.; NUNES, M. L. F. (Orgs.) *Educação Física cultural: por uma pedagogia da(s) diferença(s)*. Curitiba: CRV, 2016.

SAFATLE, V. *O necroestado brasileiro*. Youtube, 29 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CCgL60UJTck>>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SANTOS JÚNIOR, F. N. *Subvertendo as colonialidades: o currículo cultural de Educação Física e a enunciação dos saberes discentes*. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2020.

SANTOS, M. *O mundo global visto do lado de cá*. Youtube, 6 de jun. 2011. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM>. Acesso em: 10 jan. 2023.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade. Uma introdução às teorias de currículo*. 2a Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

